

ISSN 2236-0476

IMPACTOS AMBIENTAIS DOS INCÊNDIOS NA TERRA INDÍGENA URUBU BRANCO

Polyana Rafaela RAMOS¹, Elias JANUÁRIO² e Carlos TAPIRAPÉ³

¹Instituto Federal de Mato Grosso, Confresa, Mato Grosso, polyana.ramos@cfs.ifmt.edu.br

² Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso, eliasjanuario@terra.com.br

³Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa, Aldeia Tapi'itãwa, Confresa, Mato Grosso, carlostapirape@hotmail.com

Introdução

No processo histórico da humanidade, desde sua descoberta o fogo desempenha importante papel em várias atividades primordiais a sobrevivência de espécies animais e vegetais. A relação dos povos indígenas com o fogo é de domínio e uso tradicional em equilíbrio com o ambiente, havendo uma relação de respeito a este elemento considerado sagrado. Segundo Pivello (2009), o uso do fogo era muito difundido entre os indígenas habitantes do Cerrado, sendo este o meio em que utilizavam para manipular o ambiente, como o estímulo à floração e frutificação de espécies úteis, atrair ou espantar animais, limpeza de área para instalar comunidades ou cultivos, sinalização e rituais religiosos.

O povo Tapirapé ocupante da Área Indígena Urubu Branco, utiliza o fogo para limpeza de área na implantação da roça, o que ocorre normalmente alguns dias antes da chuva, orientado pelos mais velhos da aldeia, para que não fuja do controle e provoque danos para a comunidade.

O problema aparece quando o fogo é usado de forma inadequada ou sem controle. Fato comumente registrado em Unidades de Conservação e Terras Indígenas, causando graves danos e perda da diversidade vegetal e animal (base alimentar) e complicações a saúde, principalmente pela exposição à fumaça nas épocas mais secas do ano, entre julho e setembro, quando são realizadas as grandes queimadas na região.

Os Tapirapé apresentam-se como uma etnia com um grande grau de vulnerabilidade as mais diferentes ações antrópicas. Isso porque, além do fato de algumas aldeias encontrarem muito próximas da sede do município de Confresa-MT (aproximadamente 35 km), esse povo sofreu um processo de expropriação e suas terras por fazendeiros, luta e retomada das mesmas, recebendo-as já em estado de desmatamento e degradação.

Também soma-se o fato da área ao qual lhes pertencem ter seus limites territoriais com grandes propriedades de criação de gado e monocultura (até 2009 pela cana-de-açúcar, e atualmente pela soja). Essas fazendas costumam usar as queimadas para limpeza de área e renovação de pastagens, porém o fogo alastra-se de forma descontrolada invadindo as Terras Indígenas e causando sérios danos a essa população.

ISSN 2236-0476

Desta forma, o presente trabalho objetiva correlacionar os impactos causados pelos incêndios provocados pela agricultura convencional na Terra Indígena Urubu Branco, pertencente a etnia Tapirapé.

Material e Métodos

A fim de atender aos objetivos propostos, foi realizado primeiramente um levantamento dos focos de queimadas na Terra Indígena Urubu Branco entre os anos de 2002 e 2012, através do banco de dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Logo em seguida, foi feito buscas de trabalhos e pesquisas que abordam a relação do uso inadequado do fogo, bem como suas consequências para a saúde e cultura dos povos indígenas. Também publicações que enfocavam os incêndios na Terra Indígena Urubu Branco durante o período estudado.

Foram realizadas visitas em algumas áreas do território Tapirapé modificados pelas queimadas (sendo visível a grande perda de diversidade biológica no incêndio ocorrido no ano de 2012), entrevistas com indígenas sobre os principais impactos que o fogo sem controle ocasionou e vem ocasionando nos últimos 10 anos na T.I Urubu Branco.

Resultados e discussões

Em muitas comunidades indígenas é comum haver registros de queimadas que fogem ao controle. Grande parte desses incêndios originam-se através do manejo inadequado de área e solo advindos das práticas de agricultura convencional ou atividade pecuária. Miranda *et al* (2006) relata que no vasto domínio das diversas agriculturas existentes na Amazônia Legal, o fogo pode estar associado ao desmatamento, renovação de pastagens, manejo de capoeiras, disseminação de resíduos agrícolas, controle de pragas, colheita do algodão e cana-de-açúcar.

A Terra Indígena Urubu Branco possui 167.533 hectares, situada nos Municípios de Santa Terezinha, Confresa e Porto Alegre do Norte, Estado de Mato Grosso (D.P. de 08 de setembro de 1998). Esta área possui um histórico de ocorrência de incêndios, em um total de 1.061 registrados somente no período de 01 de janeiro à 26 de setembro de 2012 (INPE, 2012), totalizando até o mês de novembro, 1889 focos (IBAMA, 2012). Porém quando comparamos o histórico dos focos de calor (que indicam a presença do fogo), foram detectados entre junho de 2001 e setembro de 2012, um total de 8.762 focos, conforme demonstrado no gráfico 01.

ISSN 2236-0476

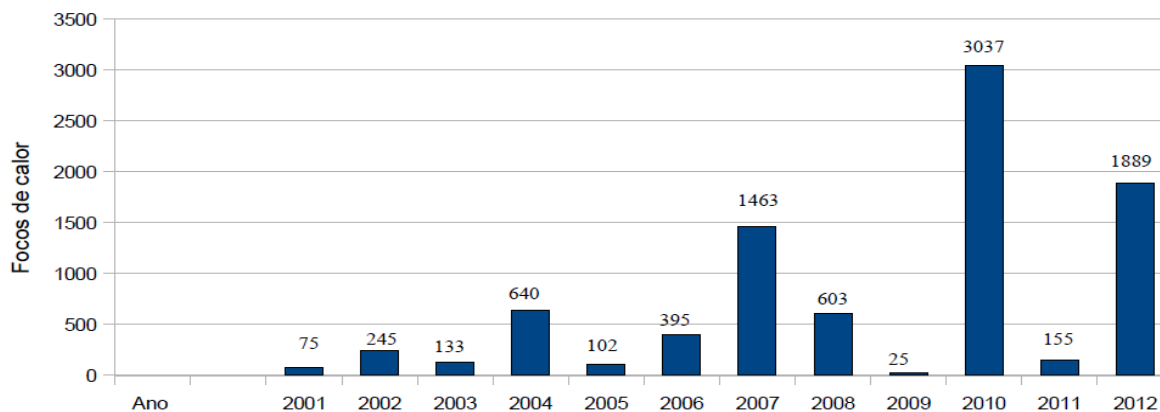


Gráfico 01: Focos de calor na Terra Indígena Urubu Branco entre os anos de 2001 e 2012
(Adaptado de IBAMA, 2012).

Podemos notar que no ano de 2010, houve o maior número de focos de calor na T.I. Urubu Branco (3.037). Uma possível explicação para o elevado registro de incêndios neste ano pode ser as reformas de pastagens ocorridas nas fazendas vizinhas a Terra Indígena e este fogo ter invadido o canavial abandonado da Destilaria Gameleira, pois não havendo o corte da planta no referido ano, o fogo se alastrou com maior intensidade.

Segundo os moradores entrevistados, no ano de 2010, houve grandes problemas de desmatamentos para substituir pelas culturas anuais, e com isso, um dos manejos adotados na região para limpeza da área é o uso do fogo, sem a prática de contenção adequada. O ano ao qual houve menor registro de incêndio no território Tapirapé foi 2009, onde foram detectados 25 pontos de calor. Quando comparado aos demais anos, é uma redução significativa (cerca de 99,17 %), ou seja menos de 1% de focos em relação ao maior índice dos 11 anos estudados. Isto pode ser explicado pela forte presença de operações comandadas pelo IBAMA na região, identificando e notificando produtores que praticavam desmatamento ou queimadas no município de Confresa-MT. O mesmo trabalho de fiscalização voltou a ocorrer em 2011, onde muitos fazendeiros foram autuados e multados, o que justifica a redução de 3.037 focos de calor para 155.

Na última década, a T.I. Urubu Branco vem sofrendo grandes transformações em decorrência da frequência do fogo. As mais visíveis são as clareiras formadas na mata nativa em virtude da queima das árvores de grande porte nas áreas de floresta. Em algumas destas, é possível visualizar a formação de capoeiras (vegetais em estágios diferentes de sucessão

ISSN 2236-0476

secundária) que apresentam alta densidade de árvores baixas e finas, algumas delas queimadas novamente com o incêndio do último ano.

Os Tapirapé não são os únicos povos indígenas a sofrerem com o fogo sem controle em suas terras, provocados principalmente pela proximidade com as práticas de agricultura dos não índios Pereira (2004) relata que as criações de gado próximo ao território Kaiowá contribuiu para a expansão e ausência de controle do fogo na área pertencente a esta etnia, causando graves problemas ambientais e de escassez de alimentos para esse povo. O principal motivo do avanço do fogo está na introdução de gramíneas que invadem a mata nativa e produzem grande quantidade de massa verde, que não é consumida pelo gado, tornando-se fonte de ignição e combustão.

Nas áreas que são queimadas, desenvolve-se uma vegetação conhecida popularmente como “juquirá” que para os indígenas não tem nenhuma utilidade. Observa-se que a substituição de espécies oriundas das queimadas, está interferindo de forma direta e indireta na dieta alimentar desse povo, pois além de provocar a morte de algumas espécies cujos frutos são utilizados na alimentação, também afetou a fauna nativa que vive nessa área

A falta de controle do fogo, associado a outros problemas decorrentes do avanço das monoculturas em direção às Terras Indígenas vem provocando a redução significativa da produção de alimentos em virtude dos danos ao solo. De acordo com Pereira (2004), esta combinação torna o solo fraco e compactado, onde a produção agrícola sem o uso de insumos externos o torna improdutivo.

Entre os Tapirapé, os incêndios ocorridos na Terra Indígena afetaram as roças da comunidade, não só na perda de fertilidade e características físicas do solo, como também nas espécies utilizadas pela comunidade. Algumas áreas onde são cultivadas as roças dos anos anteriores permanecem em pousio (descanso do solo) e servem como forma de conservação *in situ* das espécies tradicionais ali cultivadas, como é o caso das cultivares tradicionais de mandioca, banana e cará.

De acordo com uma das lideranças da Aldeia Tapi'itãwa o fogo frequente todos os anos contribuiu para a perda de 2 tipos (cultivares) de mandioca e batata-doce plantadas nas roças da aldeia, o que obriga os indígenas a buscarem ramos em outras aldeias distantes para o plantio, e mesmo assim, nem sempre as encontram. Ocorre que, com as queimadas sem controle, o fogo acaba por atingir as áreas de plantio destruindo parte destes cultivares tradicionais que serviria como material de propagação para as roças novas a serem implantadas.

Um aspecto que merece destaque é que os Tapirapé, além de terem a divisa de suas terras com grandes fazendeiros, uma parte da T.I. Urubu Branco foi invadida por posseiros que permaneceram no local por muitos anos até a retomada das terras pelos indígenas. Porém, de acordo com Vargas (2005), foi possível constatar desmatamentos, construção de

ISSN 2236-0476

cercas, currais e trechos onde antes havia grandes extensões de mata, estavam reduzidos a cinzas. Esta realidade não mudou muito, ainda há posseiros no local, com as mesmas práticas de agricultura exploratória e predadora, usando o fogo dentro da Terra Indígena.

Dentre as publicações feitas através dos meios digitais sobre os incêndios ocorridos na T.I. Urubu Branco reuniu-se um total de 13 matérias veiculadas entre junho de 2008 e novembro de 2012. Cerca de 6 destas relatam a grandiosidade e o tempo de duração da maior queimada já registrada na área nos últimos 11 anos, que ocorreu em 2010 e permaneceu sem controle por mais de 10 dias consecutivos. A principal abordagem dada às matérias publicadas nessa época refere-se à destruição da mata nativa e as consequências da fumaça para as populações da aldeia e da cidade.

Houve 2 notas referindo-se aos incêndios ocorridos em anos anteriores e a presença de agentes dos órgãos fiscalizadores ambientais. As outras publicações (5/13) fazem menção às queimadas ocorridas no ano de 2012, ao qual nota-se a grande preocupação com a dimensão que um dos focos tomou, atingindo cerca de 32,7 km de linha de fogo (aproximadamente 75 mil hectares).

O que podemos perceber é que o grande problema não é o uso do fogo, mas sim a falta de controle sobre o mesmo quando usado (constantemente) nas práticas de manejo agrícolas, já que a fiscalização é incipiente na região.

Conclusões

A prática da monocultura próxima à Terra Indígena Urubu Branco vem causando grandes problemas de ordem cultural, ambiental, social e alimentar as comunidades que ali residem.

O fogo constantemente invade as Terras Indígenas, degradando o solo e causando enormes perdas a biodiversidade local.

Os anos de maior intensidade dos focos de queimada ocorreram em 2010 e 2012, devastando grande parte da vegetação nativa substituindo-a por “juquiras” no processo de regeneração natural, inúteis as práticas culturais e alimentares dos Tapirapé.

Há a necessidade de uma maior fiscalização em grandes áreas de produção agrícola e pecuária que ficam próximas as Terras Indígenas, pois essa proximidade pode por em risco a sobrevivência de algumas etnias, como o caso dos Tapirapé.

Referências Bibliográficas

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Relatório Final da Operação Urubu Branco de combate aos incêndios florestais**. Confresa: Prevfogo, 2012.

ISSN 2236-0476

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Relatório nas Unidades de Conservação**. Disponível em <http://www.dpi.inpe.br/proarco/bdqueimadas/report.php>. Acesso em dez de 2012.

LEONEL, M. O uso do fogo: o manejo indígena e a piromania da monocultura. **Estudos Avançados**, v. 14, São Paulo, n. 40, p. 231-240, set. 2000.

MIRANDA, E.E.; MORAES, A.V.C.; OSHIRO, O.T. **Queimadas em Áreas Protegidas da Amazônia em 2005**. Comunicado Técnico 19. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2006.

PEREIRA, L.M. **As transformações no manejo do fogo entre os Kaiowá: do fogo controlado aos incêndios colossais**. Disponível em:

<http://www.rededesaberes.org/3seminario/anais/textos/ARTIGOS%20PDF/Artigo%20GT%204-04%20-%20Levi%20Marques%20Pereira.pdf>. Acesso em: dez de 2012.

PIVELLO, V.R. **Os cerrados e o fogo**. Disponível em:

<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=42&id=511>. Acesso em: fev de 2013.

VARGAS, R. Posseiros danificam Área Indígena. **O Diário de Cuiabá**. Disponível em:

<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=233861>. Acesso em jan de 2013.